

FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC  
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA

A DISLEXIA E A PRÁTICA: UMA VIVÊNCIA

ARAÚJO, Emily Oliveira de<sup>1</sup>

Orientador: ANDRADE, Valter Zotto de<sup>2</sup>

**RESUMO**

A dislexia, em conjunto ao déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), é a questão que mais está presente no baixo rendimento escolar (MEDEIROS, 2012). Neste caso, é imprescindível que sejam tomadas medidas para que o ensino seja mais eficaz para crianças com algum distúrbio de aprendizagem, juntamente à capacitação do professor por meio do reconhecimento destas questões e como lidar com elas. Por isso, recursos para conseguir se aproximar de alunos com dislexia, atividades em sala, acompanhamentos com os devidos profissionais, além de, simultaneamente, o reconhecimento de que o aluno disléxico é como qualquer outro se fazem essenciais para que o mesmo possa terminar o ensino regular sem que haja obstáculos. Também é importante ter ciência das dificuldades que um aluno portador de dislexia enfrenta e reconhecer o potencial que ele tem. Para isso, foi feito um estudo embasado em Maria Celina Gazola Medeiros (2012) e Michael Farrell (2008) para mostrar recursos didáticos a serem adotados por docentes que possuem um aluno com dislexia em sala de aula, além de como lidar com estes estudantes que têm diagnóstico. Também foi realizada uma pequena análise de caso de um aluno disléxico para mostrar seus avanços e dificuldades no tempo de 4 (quatro) meses.

**Palavras-chave:** Dislexia. Distúrbio de Aprendizagem. Professor. Recursos Didáticos.

**1 INTRODUÇÃO**

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia é um transtorno que interfere na aprendizagem o que gera obstáculos no reconhecimento de sons e palavras. É importante ressaltar que a dislexia é um distúrbio que possui tratamento, mas que, no entanto, não possui cura.

Tendo como base as dificuldades de aprendizagem que os estudantes enfrentam hoje e o conceito de dislexia, este artigo mostrará a análise de caso de um aluno, cuja identidade não será revelada, que está cursando o 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental em uma instituição

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor adjunto das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

privada. O estudante foi diagnosticado com Dislexia aos 8 (oito) anos de idade, aprendeu a ler aos dez anos e, ainda hoje, com 12 (doze) anos, encontra muita dificuldade na escrita, leitura e fala.

Sabendo que a dislexia representa uma das principais causas do baixo rendimento escolar (MEDEIROS, 2012), este artigo também mostrará caminhos para trabalhar com o aluno disléxico e mostrar o seu potencial, além de expor aos professores caminhos para trabalhar com o aluno disléxico e atividades a serem realizadas para melhorar a fala, escrita, atenção e interpretação do aluno.

### 1.1 CONCEITO DE DISLEXIA

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que dificulta o processo de leitura e escrita de um determinado estudante, o que gera um grande atraso em sua formação escolar. O aluno com este distúrbio apresenta dificuldades na leitura, escrita, ortografia e soletração (FARRELL, 2008).

### 1.2. CARACTERÍSTICAS

São características de um aluno disléxico, segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD):

- Dispersão;
- Fraco desenvolvimento da atenção;
- Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem;
- Dificuldade de aprender rimas e canções;
- Fraco desenvolvimento da coordenação motora;
- Dificuldade com quebra-cabeças;
- Falta de interesse por livros impressos.

Seguindo o fato de que o estudante com dislexia possui algumas, ou todas as características listadas, é possível concluir que ele terá muitos obstáculos para que consiga atingir a faculdade sem que reprove durante sua formação escolar. Para tanto, é preciso que o professor esteja capacitado para lidar com este distúrbio em sala seguindo métodos eficientes para que o aluno compreenda o conteúdo e saiba aplicá-lo com maestria em um teste.

Para que o docente consiga identificar um aluno disléxico, além dos termos listados, também há fatores de identificação dentro do processo de leitura do estudante. Segundo Michael Farrell (2008), o aluno pode apresentar, entre outros, hesitação na pronúncia de

palavras, pode confundir letras com formas diferentes como “u” e “n”, omitir palavras pequenas de um texto, entre outros.

Ainda em sua obra, o autor lista as dificuldades de escrita que o aluno disléxico apresenta, como dificuldade de copiar do quadro ou ter um estilo diferenciado de escrita; além de dificuldades de ortografia, como apresentar dificuldade com alguns sons, como /s/ e /z/ e com palavras que terminam em /er/ e /ar/.

Dentre todos estes fatores, o aluno também pode apresentar dificuldades fonológicas, como confundir “sons primos” como /pa/ e /ba/ (FARRELL, 2008) ou /fa/ e /va/ e esta confusão refletir na escrita como “vaca” no lugar de “faca” ou “paleia” no lugar de “baleia”.

## 2 ANÁLISE DE CASO

Desde o primeiro dia de acompanhamento (dia treze de abril de dois mil e dezoito), notou-se que a leitura de Pedro<sup>3</sup> não correspondia com a sua escrita, ou seja, a leitura era realizada de modo lento, mas levando em consideração as suas dificuldades, ela pode ser considerada boa. Já em relação à escrita, pode-se dizer que era incompreensível, tanto pela dificuldade em formar sílabas, quanto nas letras grafadas com muita pressa; em consequência disso, trabalhou-se na possibilidade de o aluno fazer caligrafia, embora ele fosse muito relutante em relação a isso.

Em uma conversa com a profissional de apoio pedagógico, o aluno relatou que aprendeu a ler aos dez anos de idade com a sua, até então, fonoaudióloga, mas que nunca aprendera a, de fato, escrever, afinal parou com os acompanhamentos antes de obter total sucesso. Não obstante, o seu esforço e vontade de aprender eram visíveis em seu comportamento.

Logo em seguida, na matéria de Artes, trabalhos eram realizados em folha A3. No entanto os desenhos de Pedro<sup>3</sup> eram feitos de modo rápido, muito pequenos e no canto inferior direito da folha, isto é, ele não usava todo o espaço que lhe era permitido.

A sua dificuldade em se organizar, tanto em tarefas e trabalhos com as datas, ou até mesmo organização física era muito perceptível, visto que o aluno não conseguia raciocinar de modo linear para que tudo ocorresse de modo correto e no tempo certo. Percebendo esta dificuldade de organização, foi-lhe dado um cronograma com as datas das provas e trabalhos, além de possuir um espaço avantajado para que o aluno pudesse colocar as atividades levadas para serem feitas em casa e que também possuía uma área em branco para colocar as datas de

---

<sup>3</sup> Nome fictício para preservar a identidade do estudante.

entrega das atividades. No início, Pedro teve algumas dificuldades para se organizar, mas depois que viu o resultado e que suas notas aumentaram, decidiu imprimir o cronograma dos meses seguintes para que não se confundisse mais com as datas de entrega estipuladas.

Em seguida, percebeu-se sua distribuição de palavras na folha de caderno. Sua visão espacial pode ser considerada prejudicada, tendo em vista que a escrita começava a 3cm (três centímetros) da margem e ia afunilando até o final da página. Entretanto o estudante não percebia e escrevia no caderno de modo “automático”, assim como mostra na Figura 1.

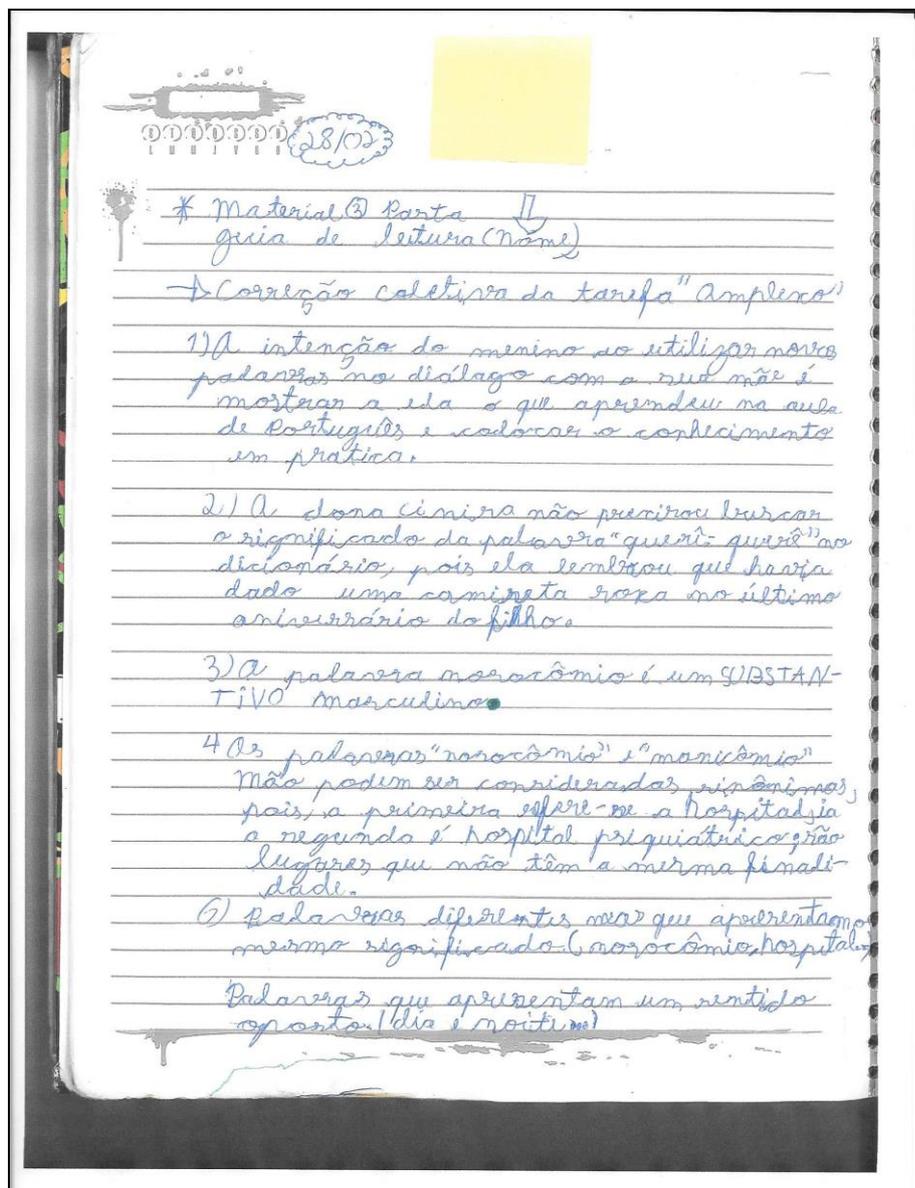


Figura 1 – Foto do caderno do Pedro

Fonte: Da autora

As provas, antes do acompanhamento, tinham média de 4,0 (quatro) pontos, sendo que o valor total era de 10,0 (dez pontos), afinal os professores não conseguiam compreender as

respostas escritas de Pedro, algo que até mesmo o próprio aluno não conseguia entender, assim como é exemplificado na Figura 2:

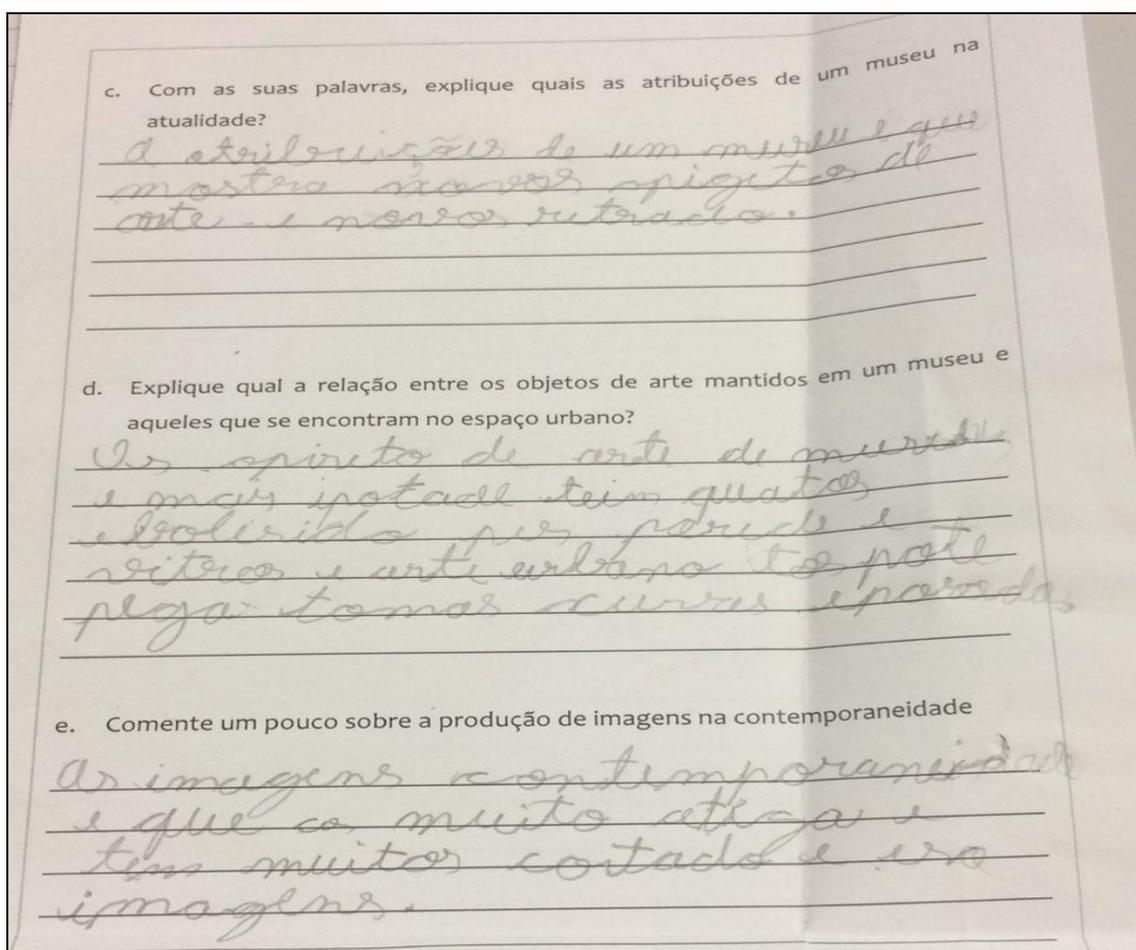


Figura 2 – Atividade de artes de Pedro  
 Fonte: Da autora

No entanto, suas respostas feitas de modo oral eram brilhantes e coerentes com a pergunta, portanto corretas. Depois disso, ele realizou uma prova com a tutora que transcreveu toda a avaliação de acordo com o que o aluno ditava, ou seja, ele dava a resposta oral e a tutora colocava de forma escrita exatamente o que lhe era dito. Como suas respostas eram muito coerentes com as perguntas, sua nota foi 8,5 (oito pontos e meio).

No entanto, em uma atividade de Língua Portuguesa em que era orientado aos estudantes para que fizessem um pequeno poema sobre a cidade de Curitiba, Pedro encontrou muita dificuldade para encontrar sons iguais no final das palavras e não conseguiu fazer nenhuma rima.

Depois de uma semana de acompanhamento assíduo em sala de aula, Pedro já escrevia no início da margem e ia até final da linha para poder começar na outra linha. Antes mesmo que percebesse, o estudante já estava escrevendo do início até o final da linha sem que alguém precisasse o lembrar.

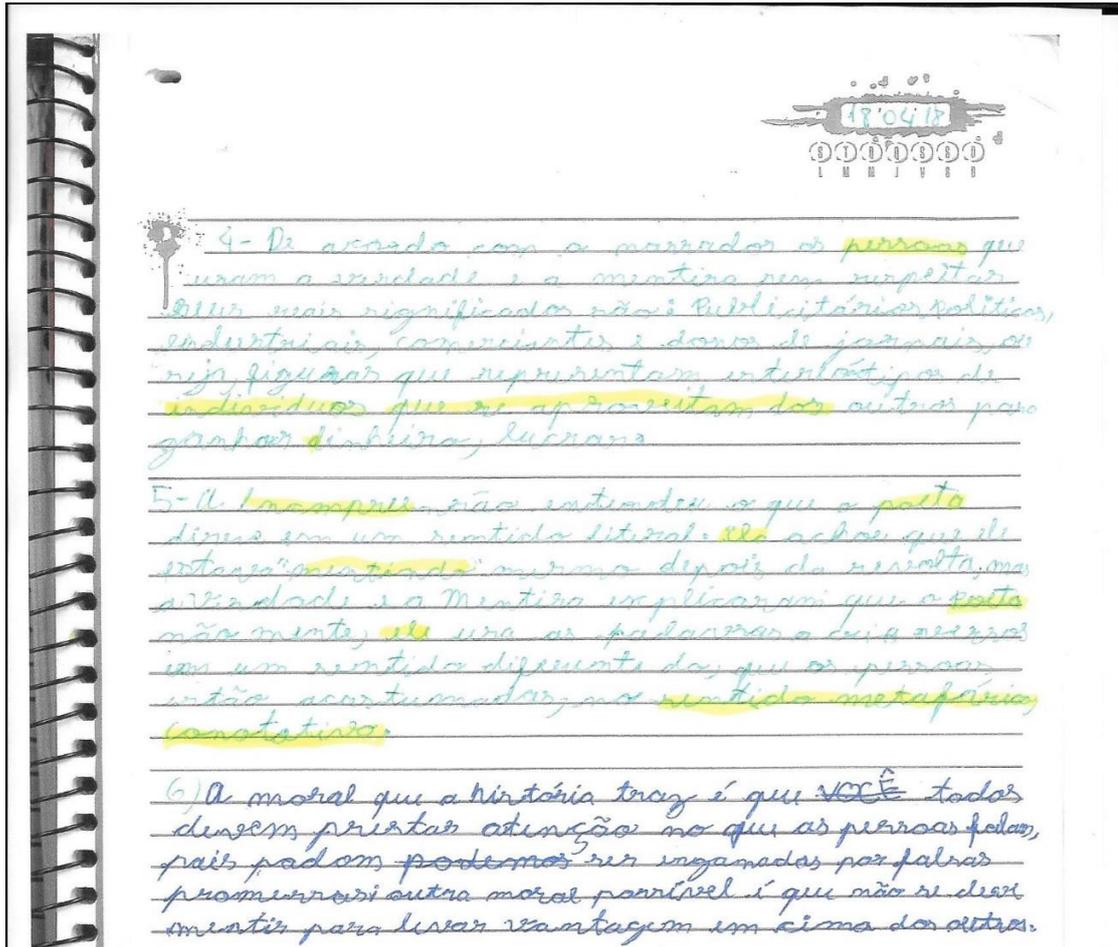


Figura 3 – Resultado após uma semana de acompanhamento

Fonte: Da autora

Passado algum tempo, depois de dias de tentativas da tutora, cerca de três semanas, estimulando a escrita de Pedro, o estudante começou a escrever sozinho algumas palavras cujos sons eram mais fáceis de serem grafados, no seu tempo obviamente, pensando na parte fonética de cada sílaba. Por exemplo a escrita da palavra “caneta”: ele pensava sílaba por sílaba e representava som por som até formar toda a palavra. Havia, certamente, algumas confusões entre os sons das letras /s/, /c/, /ç/, /z/, /x/, /ss/, /t/, /d/, /g/ e /j/.

Com um mês de acompanhamento, o estudante já escrevia sozinho muitas palavras, corrigia o próprio erro pedindo auxílio apenas para saber se havia feito a correção de modo certo, além de dispor as palavras em seu caderno de modo organizado. Sua leitura e interpretação progrediram.

Sua dificuldade em aprender outra língua era visível: tanto na leitura de palavras do vocabulário norte americano, quanto na escrita, o que fazia com que ele ficasse aborrecido consigo e se privava de tentar entender. O colégio, juntamente à tutora e a professora de

língua inglesa, estudaram uma maneira de melhorar a situação do aluno em relação ao aprendizado da língua estrangeira.

Depois de uma conversa com Pedro, o estudante percebeu que era normal ter dificuldade para aprender uma língua estrangeira e que não havia nada de errado nisso, mas que ele não poderia desistir.

## 2.1 CONCLUSÃO DA ANÁLISE

Considera-se importante ressaltar que em nenhum momento do acompanhamento com o aluno ele teve auxílio de fonoaudiólogo, psicopedagogo ou psicólogo. Ele teve apenas a tutoria da profissional de apoio pedagógico.

Tendo em vista as características de um aluno disléxico listadas no início do artigo, é possível perceber que Pedro apresentou, segundo o acompanhamento feito:

- Dispersão;
- Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem;
- Dificuldades para fazer rimas;
- Falta de interesse por livros impressos;
- Hesitação para a pronúncia de palavras;
- Confusão com as letras de formas diferentes, como “u” e “n”;
- Confusão entre os sons primos, como /pa/ e /ba/, /fa/ e /va/, /sa/ e /za/, entre outros;
- Estilo diferenciado de escrita.

Esta breve análise de 4 (quatro) meses teve como objetivo mostrar a realidade de um aluno com dislexia, quais são as dificuldades que ele apresenta, além de mostrar que um disléxico tem, sim, potencial para aprender e aplicar os seus conhecimentos com maestria em teste, basta apenas alguém para auxiliá-lo.

Obviamente os resultados seriam mais eficientes se houvesse os devidos acompanhamentos com os profissionais, como fonoaudiólogo, psicopedagogo e psicólogo. Mas partindo do pressuposto de que um aluno do Estado não possui recursos para ter estes profissionais e que o governo fornece apenas um profissional de apoio pedagógico na educação regular, esta análise mostra que é possível obter avanços significativos com apenas o tutor.

## 3 COMO TRABALHAR EM SALA DE AULA

Para que o aluno obtenha desempenho em suas atividades, é imprescindível que o professor tenha preocupação com o aluno e busque caminhos que facilitariam o entendimento do estudante.

Também considera-se importante ressaltar que o aluno portador de dislexia **não deve ficar em uma turma especial isolado das outras crianças**, pois a interação com os colegas é fundamental para seu rendimento (FARRELL, 2008, grifo meu).

Segundo a ABD, quando o aluno é diagnosticado com dislexia, é indicado para o colégio que o estudante faça acompanhamentos com psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, entre outros; além disso a escola precisa manter contato com os profissionais para acompanhar o desenvolvimento do estudante.

Em sala de aula, todos os professores devem ter ciência das dificuldades do aluno, já os colegas de classe não precisam saber, a não ser que o estudante queira contar para a turma.

A professora, psicóloga e psicopedagoga Ana Luiza Borba em seu estudo postado no site da ABD nos dá recursos para trabalhar com o aluno disléxico em sala de aula. A seguir, serão citados alguns desses recursos que facilitam a relação professor-aluno e aluno-conteúdo:

- Tratar o aluno disléxico com naturalidade, visto que o mesmo é uma pessoa como qualquer outra, mas com dislexia;
- Usar linguagem facilitada uma vez que o aluno possui dificuldades de entendimento da linguagem sofisticada;
- Utilizar o contato visual para prender a atenção do estudante;
- Dispor o aluno em sala de modo que fique perto do quadro e do professor;
- Certificar-se de que o aluno está entendendo o que lhe está sendo passado;
- Não apagar o quadro se o estudante não tiver finalizado suas anotações;
- Observar a interação do aluno com os colegas;
- Incentivar o aluno a sempre acreditar em si mesmo e em seu potencial;
- Sugerir meios de associação que ajudem o aluno a entender melhor a matéria;
- Não pedir para que o aluno leia em voz alta para toda a turma, visto que o mesmo possui dificuldades na fala, leitura e escrita e isso o deixaria constrangido;
- Fazer uso da informática e tecnologias em geral para prender a atenção do aluno.

Além de todos estes itens citados, a professora também orienta aos professores que dêem um tempo maior para que os alunos com dificuldade realizem as provas, levando em consideração que um aluno disléxico é mais lento que os demais. Além de dar as seguintes orientações: na escrita da prova, usar apenas uma fonte em um único tamanho para que o

aluno não confunda as letras no papel; ler sempre a prova em voz alta, certificando-se de que o aluno entendeu as questões; não utilizar textos de difícil entendimento, com muitas metáforas ou muito longos; valorizar as provas orais para que o aluno tenha a possibilidade de contar o que entendeu do assunto proposto; não se prender aos livros, mas dar abertura para que o aluno compreenda o conteúdo por meio de uma exposição, peça teatral, filmes, documentários, entre outros.

Outras dicas também citadas são: levando em consideração a dificuldade de visão espacial do aluno, realizar provas e trabalhos bem organizados, com os textos e questões bem dispostos em folha para que o aluno não faça confusão na hora da leitura e interpretação; em dias de prova, dê a opção ao aluno para que faça o teste em outra sala mais silenciosa já que terá um tempo maior para a realização do mesmo; fazer uma avaliação adaptada ao aluno disléxico, com menos enunciados e conteúdos; dar sempre liberdade ao aluno para que o mesmo possa realizar as atividades de modo autônomo, mas não esquecer de dar orientações de como efetuar a tarefa utilizando, sempre, o contato visual e a linguagem facilitada.

#### **4 ATIVIDADES E EXERCÍCIOS PARA ALUNOS COM DISLEXIA**

Como visto anteriormente a informática e tecnologias em geral, peças teatrais, exposições, filmes e documentários ajudam a prender a atenção do aluno de modo com que o mesmo aprenda o conteúdo proposto de modo involuntário. Mas também existem outros recursos eficientes para que o aluno desenvolva suas capacidades cognitivas.

A seguir este artigo mostrará alguns exercícios que podem ser feitos para que um aluno com dislexia consiga melhorar sua escrita, atenção, fala, leitura e interpretação.

##### **4.1. EXERCÍCIOS<sup>4</sup>**

###### **4.1.1 Descubra qual a palavra diferente:**

boca	boca	boca	boca	boca	cabo	boca	boca	boca	boca
rato	rato	rato	rato	rota	rato	rato	rato	rato	rato
mala	mala	mala	mala	mala	lama	mala	mala	mala	mala
bolo	lobo	bolo							
seta	seta	seta	esta	seta	seta	seta	seta	seta	seta
lupa	pula	pula							

<sup>4</sup> SÓ ESCOLA. **Atividades para alunos com dislexia**. Disponível em: <https://www.soescola.com/2016/12/atividades-para-alunos-com-dislexia.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

**4.1.2 Circule, quando achar, na coluna do lado direito a palavra que corresponde a da coluna do lado esquerdo:**

PANELA	PALENAPALANEPANELAPELANA
PATO	POTATAPOPATOTAPOTAPAPO
AZUL	ALUZAULAZULAZLULUZA
CAMISA	MISACASAMICACAMISAMICASA
BIGODE	GOBIDEGEBIDOBIGODEDEGBIDE
FAZER	FAREZREZAFREFAZFAZERFERZA
LIVRO	LOVRILIVROVORLIVROLI
PRAIA	PRIAPRAIAPARIAPIARA

**4.1.3 Circule as letras iguais às do exemplo:**

a) p

q q q q q q p q q q q p q q q p p q q q q q q p p p p p q q q q q q p q q q p q q q  
 p q q p q q q q q q p p p p p q q q q q q p q q q p q q q p p q q q q q q p p p p p  
 q q q q q q p q q q p q q q p p q q q q q q p p p p p q q q q q q p q q q p q q q  
 q p p q q q q q q p q p p q p q p q q q q q q p q q q p q q q p p q q q q q q p p p  
 p p q q q p q p q q p q q

b) d

b b b b b b d b b b b b d b b b b b d b b b d b b b d b b b b b d d b b b d b b b d b b b  
 b b b d b b b d b b b d b d b b b b b b b d b b b b d b b b b d b b b d b b b d b b b d  
 b b b d b b b b d d b b b b b d b d b b b b d b d b b b d b b b b b d b d b b b d b b b b  
 d b b b d b b b b d b b b b d b b b b d b b b b d b b b b d b b b b d b d b d b d b b b  
 b b b d d b b b b d b b d b b

c) h

n h n n n n h n n n n h n n n h n h n h n h n h n n n n n n n n n n h n n n h n n n  
 n n h n n n n h n n n h n h h h n n n n n h n h n h n n n h n n n n n h n n h h n h n n  
 n n n h n n n n h n n n n h n n n h h n n n h n n n h n n n n n h n n n h n n h n n n n  
 h n n n h n n n h n h n n n h n n h n n n h n n n n h n n n h n n h n n n h n h n n  
 n n h n n n h n n h n n

Outro exercício muito eficiente para estimular a atenção e distinção de letras do aluno disléxico é:

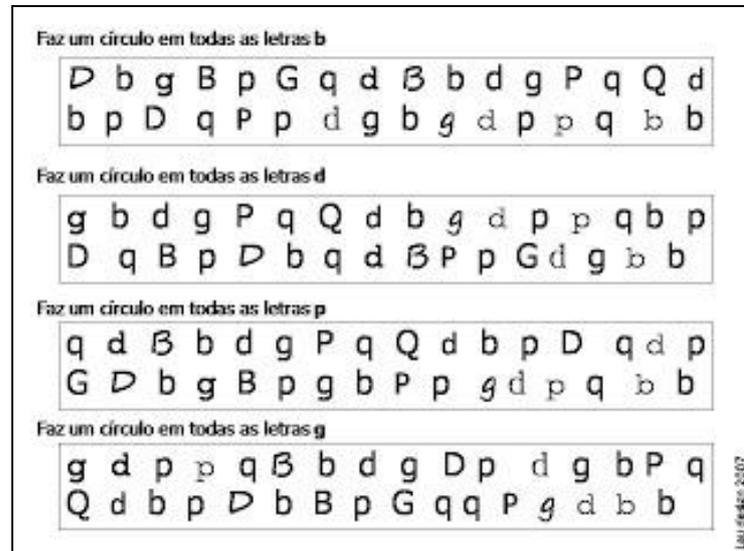


Figura 4 – Exercício para estimulação da atenção

Fonte: LIMA, Silvana. Disponível em: <http://silvanapsicopedagoga.blogspot.com/2012/04/exercicios-atividades-e-teste-para.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Estes exercícios ajudam o estudante a evoluir sua escrita e leitura juntamente à atenção. Por outro lado, exercícios que estimulam a fala e a escrita são simples de serem efetuados. Como por exemplo: falar uma palavra para que o aluno solete ou escreva. Pedir para que o aluno leia palavras parecidas sem confundi-las também é um exemplo muito eficaz.

O presente artigo mostrou apenas alguns exemplos de exercícios que podem ser facilmente efetuados pelo colégio para ajudar no desempenho do aluno disléxico, mas outros estilos também podem ser adotados e mostrar resultados, como jogos de tabuleiro, cartas, jogo da memória, quebra-cabeça, entre vários outros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo dissertar sobre o que é dislexia, obstáculos que os professores podem encontrar em sala de aula em relação a distúrbios de aprendizagem e como lidar em sala com alunos diagnosticados de modo com que o estudante obtenha resultados eficazes para que seja aprovado com mérito ao final do ano.

Também mostra recursos didáticos a serem utilizados com pessoas com dislexia para que possa ajudar na atenção, escrita, fala, leitura e interpretação do dislético; além de recursos para melhorar a relação do professor com o aluno em sala.

Outro objetivo traçado neste artigo foi mostrar a realidade de um aluno com dislexia e mostrar a importância de um acompanhamento para pessoas com este distúrbio, expondo os avanços obtidos com 4 (quatro) meses de análise de caso.

Deste modo, o artigo mostrou as evoluções de um estudante diagnosticado com dislexia e revelou, a partir do auxílio de um tutor, os avanços que o aluno conseguiu obter. O propósito deste trabalho foi acompanhar a criança até o início do terceiro trimestre do ano de dois mil e dezoito e descrever as suas evoluções, para depois estudar meios que um professor pode seguir para lidar com a dislexia em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BORBA, A. L;. **Como interagir com o dislético em sala de aula**. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

DISLEXIA. **O que é dislexia?** Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FARRELL, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIMA, S. **Psicopedagoga Silvana Lima**. Disponível em <http://silvanapsicopedagoga.blogspot.com/2012/04/exercicios-atividades-e-teste-para.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MEDEIROS, Maria Celina Gazola. **O que os professores conhecem sobre dislexia e o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. São Paulo: Ed. SESI SP. 2012.

SÓ ESCOLA. **Atividades para alunos com dislexia**. Disponível em: <https://www.soescola.com/2016/12/atividades-para-alunos-com-dislexia.html>. Acesso em: 21 nov. 2018.